



ESTUDO VARIACIONISTA DE UM RECORTE DE TRAÇOS DO PORTUGUÊS FALADO EM IGUATEMI-MS

Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS/FUNDECT) ¹
elza@uems.br

Neide Araújo Castilho Teno (UEMS/FUNDECT) ²
cteno@uol.com.br

Raí Machado de Araripe (PROFLETRAS/UEMS/CAPES) ³
thunderms1@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho ampara-se na proposta laboviana e tem por objetivo a análise de alguns fenômenos variáveis usados por alunos das séries finais do ensino fundamental ao apresentar alguns processos fonológicos que estão diretamente relacionados à síncope nas proparoxítonas, finalização dos verbos no gerúndio, apagamento da vogal postônica e fenômeno da ditongação e monotongação. No sentido de assessorar o professor na mediação do processo da variação linguística no que diz respeito às diferenças entre a língua oral e a escrita. O *corpus* de análise foi constituído de transcrição da fala dos alunos supracitados, matriculados no 8º ano de uma escola da rede estadual de ensino em Iguatemi-MS. O dinamismo marcado por fenômenos fonológicos sempre estiveram presentes nos estudos linguísticos e isso corrobora para mostrar que a língua é dinâmica por natureza e é suscetível a sofrer modificações determinadas por fatores fonéticos, morfológicos e sintáticos e que pode ser comprovada essa materialização na observação da língua vernácula dos sujeitos da pesquisa. Os resultados da amostragem evidenciam que independente do aluno frequentar o ensino formal, ele quase sempre, em alguma ocasião de sua vida, articulará frases que não estejam de acordo com as normas prescritas pelas gramáticas da língua portuguesa, pois há momentos que a língua retrata diferentes processos de variação e mudanças linguísticas, seja no comportamento do falante ou no contexto de uso da língua em circunstâncias reais de comunicação verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Fenômeno linguístico variável. Variável linguística.

RESUMEN: Este trabajo se ampara en la propuesta laboviana y tiene por objetivo el análisis de algunos fenómenos variables usados por alumnos de las series finales de la enseñanza fundamental al presentar algunos procesos fonológicos que están directamente relacionados al síncope en las proparoxítonas,

¹ Doutora em Letras. Docente do quadro efetivo e coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados. Coordenadora do projeto de pesquisa “Apoio à Qualificação Docente: PROFLETRAS em Mato Grosso do Sul” financiado com recurso da FUNDECT. *E-mail:* elza@uems.br

² Doutora em Educação. Docente do quadro efetivo do Programa de Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados. Colaboradora do projeto de pesquisa “Apoio à Qualificação Docente: PROFLETRAS em Mato Grosso do Sul” financiado com recurso da FUNDECT. *E-mail:* cteno@uol.com.br

³ Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados/MS. Docente do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino de Mato Grosso do Sul. *E-mail:* thunderms1@hotmail.com



finalización de los verbos en el gerundio, supresión de la vocal y el fenómeno de la ditongación y monotongación. En el sentido de asesorar al profesor en la mediación del proceso de la variación lingüística en lo que se refiere a las diferencias entre la lengua oral y la escritura. El *corpus* de análisis fue constituido de transcripción del habla de los alumnos arriba citados, matriculados en el 8º año de una escuela de la red estadual de enseñanza en Iguatemi-MS. El dinamismo marcado por fenómenos fonológicos siempre estuvieron presentes en los estudios lingüísticos y eso corrobora para mostrar que la lengua es dinámica por naturaleza y es susceptible a sufrir modificaciones determinadas por factores fonéticos, morfológicos y sintácticos y que puede comprobarse esa materialización en la observación de la lengua vernácula de los sujetos de la investigación. Los resultados del muestreo indican que los estudiantes independientes de asistir a la educación formal, casi siempre en algún momento de su vida, frases elocuentes que no se ajusten a las normas prescritas por las gramáticas de la lengua portuguesa, ya que hay veces que el lenguaje representa diferentes procesos de variación y cambios lingüísticos, sea en el comportamiento del hablante o en el contexto de uso de la lengua en circunstancias reales de comunicación verbal.

PALABRAS CLAVE: Sociolingüística. Fenómeno lingüístico variable. Variable lingüística

Introdução

A sociolingüística laboviana determina que são muitos os fenômenos lingüísticos variáveis, pois a língua é dinâmica e suscetível a mudanças de um grupo para outro de falantes e usuários dessa língua.

Tomando por base a questão da variação e mudança lingüística, a proposta primordial do presente estudo é analisar alguns fenômenos variáveis da língua como: a síncope das proparoxítonas, finalização dos verbos no gerúndio, apagamento da vogal postônica e a monotongação e ditongação na fala de um grupo de vinte e cinco alunos matriculados no 8º ano de uma escola de Iguatemi-MS, bem como tecer breves considerações acerca das marcas de oralidade referentes ao discurso desses sujeitos.

Encontramos em Labov (2008), muitas das questões colocadas pela Sociolingüística Variacionista que envolvem aspectos de âmbito fonético/fonológico, morfológico e sintático, que abastecem as bases para respostas a algumas das questões centrais a respeito da variação e mudança lingüística, notadamente as que se relacionam às ressalvas mais gerais ao uso e implementação de variantes lingüísticas e à inter-relação entre mudanças aparentemente independentes.

Assim, dada à multiplicidade dos fenômenos lingüísticos já estudados em diversas regiões e diferentes amostras de fala, ficamos obrigados a operar um recorte, que reflete, em grande parte, interesses particulares para esta escrita. Assim, no nível fonético-



fonológico, a escrita estará concentrada em fatores que se mostram significativos na realização variável do ditongo e apagamento da silábica, além do gerúndio.

O método adotado para a realização desse estudo foi o da pesquisa de campo com gravação de entrevistas *in loco* em que o informante foi estimulado a narrar assuntos referentes ao seu cotidiano, conforme nos ensina Labov (2008). Vale ressaltar que durante as entrevistas o informante foi levado a falar à vontade e de forma descontraída, sobre assuntos como: namoro, brincadeiras, escola, festas, realidade social local e sobre outros assuntos de seu interesse. Reiterando que a descontração prevaleceu em todos os momentos da pesquisa para que se pudesse extrair ao máximo dos informantes, a língua vernácula, ou seja, o falar espontâneo desses indivíduos que constituiu o nosso *corpus* de pesquisa.

Considerando resultados obtidos em diferentes estudos acerca desses fenômenos, procurou-se mostrar a forma pela qual a dinâmica desta escrita permite depreender tendências mais gerais no efeito de fatores estruturais. Vejamos a seguir a contribuição de Labov para a pesquisa em foco.

1. Contribuição teórica laboviana para a presente pesquisa

A Sociolinguística é uma das especificações da Linguística que estuda a língua em uso dentro das comunidades de fala, correlacionando aspectos sociais e linguísticos. É ainda proeminente citar que é uma ciência que enfoca os empregos linguísticos concretos e heterogêneos na aceção das múltiplas possibilidades da língua, ou seja, apresenta um dinamismo essencial e dois conceitos que serão cruciais para a leitura deste artigo que são: variantes e variáveis.

Esse ramo da linguística trabalha com a disparidade linguística ao indagar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, no sentido de antecipar a conduta regular ou metódica da variação. Neste viés, preocupa-se ainda com a relação entre as línguas, com as questões relativas ao nascimento e extinção linguística como: multilinguismo, variação e mudança linguística e, por fim, abrange a variação linguística como um



fenômeno universal, um fenômeno comum e inerente a todas as línguas vivas e em constate processo de transformação no tempo e no espaço, Bueno (2003) e Mollica (2007).

A variável linguística é o fenômeno linguístico que implica a variante. As variantes, por sua vez, são as diferentes escolhas que compõem a variável, chamada de variável dependente, pois seu uso não é ocasional, uma vez que sofre influência de diversos fatores (ou variáveis independentes) sejam internos ou externos à língua, Coelho *et alii* (2015).

Temos o conjugado de variáveis externas à língua, aquelas que são intrínsecas ao indivíduo falante, como: etnia, escolaridade, sexo, nível de renda, tensão discursiva, entre outros. E o conjunto de variáveis internas, aquelas de caráter morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais.

Assim, de acordo com Coelho *et alii* (2015) a Sociolinguística entra com o papel de perceber o grau de estabilidade ou a mudança da variação, observando as variáveis com efeito positivo ou negativo dos usos linguísticos alternativos com o intuito de preestabelecer um comportamento regular e sistemático para o fenômeno linguístico em estudo.

Partindo dessa premissa, é necessário, portanto, abandonar ocasionais noções pré-concebidas, pois se torna indispensável, por exemplo, abdicar a ideia de que a língua é uma estrutura concluída e aperfeiçoada, que não é capaz de variar e sofrer mudança. É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros. Para conhecer a Sociolinguística, é necessário, antes de mais nada, “abrir a cabeça” para aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo, como um fenômeno variável que influencia e também que recebe influências seja de fatores internos ao sistema linguístico ou externo a ele, Bueno e Silva (2012).

Neste sentido, vale ressaltar que a variação e mudança são propriedades inerentes a todas as línguas naturais, dada a natureza heterogênea dos sistemas linguísticos, pois

em todos os processos de variação e mudança estão abrangidos fatores diferentes, uns de ordem estrutural e outros que estão inteiramente ligados ao usuário da língua e ao ambiente ao seu entorno, isto é, ao contexto de uso da língua em situações de comunicação linguística, os chamados fatores sociais, que segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126):

[...] fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. A consideração desses fatores no estudo da variação e da mudança garante sistematicidade às investigações feitas acerca desses processos: as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística (LABOV, 2008 [1972], p.214).

Dessa forma, dada a acuidade dos fatores internos e externos ao sistema linguístico nos processos de variação e mudança, neste estudo serão abordadas algumas interferências deles, ou seja, como esses fatores atuam e de que forma eles defendem ou desfavorecem determinados fenômenos linguísticos no falar de alunos do 8º ano de uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Iguatemi (MS).

2. Alguns fenômenos linguísticos variáveis observados na oralidade vernácula dos sujeitos da pesquisa

O fenômeno da alternância na finalização do verbo no gerúndio é uma característica peculiar entre esses alunos, como podemos observar nos fragmentos retirados da observação das conversas que foram realizadas com a turma:

- 1) “*távinu* muita gente de fora, né, aí... acho assim, o povo de iguatemi *peganu* sotaque desse povo de fora, é [...]”⁴.

⁴ Aluno do 8º ano, do sexo masculino com idade de 14 anos de idade.

- 2) “*arguma* coisa que eu sei, eu aprendi com minha mãe, *escreveno*, *fazeno* coisa assim [...]”.

Os trechos em destaque nos exemplos 1 e 2 representam o fenômeno que foi analisado à luz do modelo de pesquisa sociolinguístico descrito por Labov (2008). Vê-se que a comunidade interatua por meio de uma ferramenta essencial para o homem, a língua, que é conduzida de geração a geração assim como os costumes e tradições de uma comunidade. Ao conduzir a língua através das gerações, a sociedade colabora para as mudanças na língua. Sobre esse feito Tarallo (2007), avulta que a língua como objeto de estudo da linguística é ativa e heterogênea em cada situação de fala que vivemos.

Tarallo (2007) recomenda acionar, analisar e sistematizar as variações que convivem nesse campo natural de batalha, que é o meio social. Quanto à variação linguística, o estudioso supracitado observa que:

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas de variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de ‘variantes’. ‘Variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’ (TARALLO, 2007, p. 12).

Dessa forma, “a gente canta bem” é uma variante do padrão “nós cantamos bem”, assim como “aquelas moça são alta” é uma variante do padrão “aquelas moças são altas”. Já “aquelas moça são alta”, “aquelas moça é alta” e “aquelas moça são altas” constituem uma variável linguística. Ainda nesse contexto, Tarallo permanece, exibindo a visão que a sociedade possui a variação e dela faz uso nos diferentes contextos de interação comunicativa:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso



da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não padrão (TARALLO, 2007, p. 12-13).

Diante disso, quando alguém diz “eu tenho trinta ano” todos compreendem que determinada pessoa possui trinta anos de idade, mas essa maneira de falar não é bem acolhida nos meios conceituados da sociedade, os seja, pela elite detentora do poder aquisitivo e conhecedora da modalidade padrão da língua.

De acordo com Tarallo (2007), o material principal para se analisar o uso social da língua, é o vernáculo. O vernáculo seria a fala mais natural de alguém, ou seja, a expressão de ideias, opiniões, sem prestar atenção e sem ser monitorado em como a língua está sendo utilizada. Seria o uso mais à vontade da linguagem e em situações de descontração.

Diante disso, os diálogos entre o pesquisador e os informantes ocorreram na sala de aula dos informantes, buscando, estabelecer uma naturalidade na fala e um ambiente de descontração, assim, acredita-se que o material linguístico que compõe o nosso *corpus* de pesquisa constitui o vernáculo dos sujeitos selecionados.

2.1 Finalização dos verbos no gerúndio na fala dos sujeitos da pesquisa

Apresentamos a seguir alguns dos resultados desta pesquisa que está em andamento, e pode ser melhor aproveitada e estendida a toda comunidade de Iguatemi. Os resultados preliminares estão na direção proposta neste trabalho. Em todas as entrevistas nota-se um alto índice de ocorrência da variável em questão na fala dos informantes nativos da cidade de Iguatemi que estudam nesta unidade escolar e são matriculados no 8º ano escolar que fazem parte dos níveis de escolarização observados. Para exemplificar a frequência das ocorrências do fenômeno em estudo utilizamos os fragmentos transcritos a seguir, extraídos das entrevistas realizadas na sala de aula.

- 3) [...] fazê asfalto pô mais luz na rua, tê... muitos... é... assim pulícia fazê ronda no bairro por causa dos malandro... malandro, ta *robano* adoidado aí... não podi dexá nada no quintal que ta *robano* ... Eu quero que melhora o bairro, né..... junta gente e malandro de noite... ma de noite ó... cachorrera *latino* e gente *correno* de noite [...]⁵.

Observando o trecho da transcrição, podemos verificar que a variante não padrão nos negritos/itálicos acima, tem um alto índice de ocorrência na fala da comunidade na qual está inserida a aluna.

Esses trechos foram utilizados para demonstrar como o fenômeno ocorre na fala dos informantes da comunidade. Entre as informações, encontra-se na fala da comunidade o fenômeno na forma do verbo no gerúndio, que pode ocorrer nas formas padrão e não padrão. Nesse trecho, ao falar, a aluno reduziu a forma de gerúndio *robano*>*robando*, *latino*>*latindo* e *correno*>*correndo*, lembrando que essas formas são muito empregadas no português espontâneo falado em situações reais de interação comunicativa.

Vejamos a seguir o fenômeno da síncope nas proparoxítonas.

2.2 A síncope das proparoxítonas na fala dos informantes pesquisados

Nessa pesquisa, pretende-se analisar um fenômeno que ocorre no português nas diferentes regiões do Brasil, que é a síncope em que algumas palavras proparoxítonas se reduzem a paroxítonas, e que, segundo Lemle (1978), há uma tendência, no português do Brasil, das proparoxítonas serem reduzidas a paroxítonas pela perda de um ou mais segmentos fonéticos. A língua portuguesa falada no Brasil possui fortes tendências à redução.

Isso ocorre porque, segundo Coutinho (1976), as línguas estão em contínuo movimento e cada geração contribui, sem que a perceba, com mudanças para melhor atender às necessidades dos falantes no momento da comunicação linguística. Nos

⁵ Aluna do 8º ano, do sexo feminino com idade de 17 anos, moradora da periferia da cidade.



exemplos a seguir, podemos observar que o processo da síncope já ocorria na língua latina. Vejamos os exemplos: *masculus*>*masclus*; *dominus*>*dommus*; *calidus*>*caldu* e outros.

Essa tendência à redução é explicitada por Lemle (1978) como acréscimo ou perda de fonemas e encontra-se na modalidade coloquial da língua portuguesa falada por falantes de diferentes regiões do País, em que torna-se comum a utilização de síncope, ou seja, a redução de palavras proparoxítonas a paroxítonas, ou a redução pela perda de um ou mais segmentos fonéticos, conforme o contexto linguístico, como se verifica nas palavras a seguir que se tornam paroxítonas pela perda da vogal postônica: : *cócega* > *cosca*; *abóbora* > *abobra*; *chácara* > *chacra*.

Ao examinar o *corpus* foi possível estender a outras tendências, além da vogal postônica, por exemplo, a perda da consoante que as seguem. Esses exemplos são frequentes na língua falada nas diferentes regiões do Brasil, e de modo especial no português falado pelos alunos do 8º ano de Iguatemi: *arvore* > *arvre* > *arve*; *óculos* > *oclo* > *ocos*.

Na listagem a seguir observam-se que as palavras sofrem perda da vogal postônica e da consoante seguinte, fatos verificados no português falado pelos nossos informantes: *lâmpada* > *lampa*; *sábado* > *sabo*; *bêbado* > *bebo*.

Neste sentido, pode-se aferir que as inovações ocorrem com mais frequência nas classes menos privilegiadas da sociedade, uma vez que esse grupo social, não raras vezes, tem menos acesso aos bens culturais, como: peças de teatros, discursos políticos ou às obras literárias entre outros. A expressão *a gente vai*, considerada como uma forma inovadora, só pode ser estimada como de prestígio, pela classe dominante a partir do momento em que é incorporadas aos dicionários, às gramáticas ou aos manuais de “norma” de uso da língua, o que, às vezes, demora a acontecer, considerando que tais obras têm por meta preservar a língua das constantes variações e mudanças linguísticas (BUENO, 2009).

Observa-se que algumas características de inovações estão relacionadas à aceleração no ritmo da fala, do sujeito, o que torna um dos fatores que contribuem para

que as palavras proparoxítonas se reduzam à paroxítona, Lemle (1978), já que as paroxítonas são pronunciadas com mais facilidades, e as proparoxítonas acabam sendo produzidas em um espaço de tempo maior quando são pronunciadas. Por exemplo: *chácara*>*chacra*, em que é comum ouvir-se a variante *chacra*, na língua falada, em situações de fala informal, quando o falante se deixa levar pelo assunto, isto é, em momento de descontração, em que usa a fala sem nenhuma preocupação de ordem normativa (BORTONI-RICARDO, 2005).

A síncope se confirma como um processo fonológico que pode ser esclarecido a partir da estrutura da sílaba. Isso significa que o apagamento da vogal no interior de uma palavra faz com que a sílaba seja reestruturada, acomodando-se à fonética da língua. Segundo Amaral (2002, p.102), “a síncope em proparoxítonas é previsível, ou seja, o falante tem consciência das regras fonéticas da língua ao reduzir sílabas, apagar segmentos ou inserir outros”. Isso se deve ao fato de que o falante distingue que o apagamento de uma vogal só é possível quando a sequência de fonemas estiver de acordo com o padrão silábico da estrutura da língua.

Corroborando, acerca dos argumentos de Amaral (2002), os informantes desta pesquisa demonstraram consciência de que o apagamento só era possível se a reestruturação da sílaba estivesse de acordo com o padrão silábico do PB. Vejamos os exemplos:

- 4) [...] neste ul.t[Ø].mo fim de semana fumo na chá.c[Ø].ra do meu avô. (Informante do sexo feminino com 15 anos de idade).
- 5) É ló.g [Ø]. co que a nossa turma é a melhor da iscola. (Informante do sexo masculino com 15 anos de idade).

Nota-se claramente que nos exemplos da fala dos informantes da turma, a palavra “chácara” com a síncope da vogal postônica, muda a posição do acento da antepenúltima sílaba.

Referente às pretônicas verifica-se que as vogais sofrem influências tanto das consoantes anteriores, como das posteriores, onde estas podem ser elevadas, abertas ou fechadas.

Alusivo às consoantes anteriores é possível constatar que há um maior índice de elevação de e quando a consoante anterior é uma velar ou uma labial:

- 6) Eu *quiria* uma *minina* pra eu *mi* casar... mais o problema da minha namorada é a *bibida*, que é *muintu pirigosu* ... se continua assim o dinheiro que a gente vai ganhar não dá nem pro *sustentu*... (informante do sexo masculino com 18 anos de idade).

Em relação a o, tanto a labial quanto a sibilante influenciaram sua elevação, como qu[i]ria, m[i]nina, b[i]bida, p[i]rigoso, s[u]frimento, s[u]ssegó, s[u]stento observados na fala de um aluno.

2.3 O apagamento da vogal postônica na fala dos informantes da turma

É nítido também na oralidade da conversa informal dos alunos o apagamento da vogal postônica. Collischonn (2006, p.44) considera que “o apagamento da vogal implica reformulação da composição silábica” e apresenta como exemplo os *vocábulos ácido > a[s]do e xícara > xicra*, que ao perderem o núcleo da sílaba postônica, perdem também o nó silábico e, por conseguinte a consoante anterior à vogal apagada fica flutuando. Com a reformulação da sílaba, as palavras que antes apresentavam três sílabas passam a ter apenas duas e, ainda, a consoante dissociada do nó silábico muda de posição, podendo associar-se ao ataque ou, então a coda de uma das sílabas restantes.

- 7) [...] porque depois da aula de matemática teremos educação fi[s]ca. (Informante do sexo masculino com 16 anos de idade).
- 8) Qual a sensação que causa o bicho-de-pé? (Entrevistador). Causa co[s]ca, mas às vezes também se tem febre. (Informante do sexo feminino com 17 anos de idade).

O apagamento da vogal postônica em palavras como “física” e “cócegas”, faz com que a parte por fora da sílaba seja ajuntada à sílaba tônica e passe a ocupar a posição de

coda⁶. Esse acontecimento se justifica pela categoria específica da língua em permitir a obstruente /s/ em posição de coda e por exigir que a sonoridade seja crescente em direção ao núcleo decrescente em direção à coda. Dessa maneira, o /s/ não poderia formar um ataque complexo com /k/, visto que pela escala de sonoridade, o /s/ apresenta maior grau de sonoridade.

2.4 Monotongação e ditongação presentes na fala dos alunos informantes

A monotongação versa acerca do apagamento da semivogal dos ditongos reduzindo o encontro vocálico a uma simples vogal. Esta descrição procura auxiliar o professor na mediação do processo das diferenças entre a língua oral e a escrita.

A monotongação, em consonância com o mecanismo da mudança sonora demandado por Labov (2008 [1972], p. 210), constitui um fenômeno fonológico cuja variação, no português falado no Brasil, dá-se abaixo da consciência social, afetando todos os itens numa dada classe de palavras.

Tendo em vista que, do ponto de vista linguístico, a escrita monotongada não estabelece “erro”, mas a representação de um fenômeno linguístico em variação na fala. Tal fato pode auxiliar o professor na mediação do processo de automonitoramento do aluno, no que diz respeito à distinção entre escrita e fala dos usuários da língua.

Já a ditongação é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala. No que se refere aos casos de ditongação no português do Brasil, Câmara Jr. ressalta que:

No português moderno deve-se a ditongação em dois casos: 1. vogal tônica em hiato, quando a) média anterior com o desenvolvimento de um ditongo /éy/ ou /êy/, indicando na grafia moderna (ideia, veia); b)

⁶ A coda é a consoante ou consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, ou seja, após a vogal nuclear. À coda, conjuntamente com o núcleo, se denomina rima. O português brasileiro é uma língua famosa por apresentar coda silábica para apenas 3 de seus fonemas, /r ~ t/ (erre), /ʃ ~ s/ (ésse) e ks (xis). Exemplos de codas: r em *mar*; s em *rês*; x em *fax*; e z em *giz*.

média posterior fechada com o desenvolvimento de um ditongo /ôw/ não indicado na grafia e inexistente nas zonas dialetais em que houve a monotongação do ditongo /ôw/ - boa – bôwa. 2. Dialetalmente, pela vogal tônica final travada por /s/ pós-vocálico, com o desenvolvimento dos ditongos de pospositiva /y/, pás, és, fez, sós, flux, cãs, pronunciadas /pays, feys, sóys, fluys. Dá-se então a neutralização da oposição entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção, no caso 2, por exemplo – pás e pais; sós e sóis, flux e fluís, cãs e cães (CÂMARA JR. 1979, p. 81).

Analisando a fala dos alunos do 8º ano, foi possível observar que os indivíduos apresentaram frequentes ocorrências no que toca ao fenômeno da monotongação e da ditongação. É o que podemos constatar nas manifestações de fala a seguir:

- 9) Há..., eu não costumo estudar muito, mais agora estou estudano um **poco** mais, estudano melhor agora. Assim... eu gosto de matemática, português e história, mais é por gostar de ler mesmo (Informante do sexo feminino, de 16 anos de idade).
- 10) “É... ele vão pra um **otro** país sabe? Que é tipo ficção e tem é... tipo esses herói, esses **negoço**, é legal! (...) Casada, terminano a faculdade e trabalhano. (Informante do sexo feminino com 15 anos de idade).
- 11) “Mais os pais dela nunca **gosto** disso, e sempre brigava muito com ela por esse motivo, mais enquanto os pais dela tava lá brigano...” (Informante do sexo masculino, com 18 anos de idade).

De acordo com os resultados apresentados torna-se notável que a supressão da vogal ou semivogal, na composição do monotongo, não apresentou relação direta com o nível de escolaridade dos falantes, bem como a ditongação. A faixa etária também não teve um caráter crucial na composição desses fenômenos, já que todos os estudantes possuíam idades iguais ou muito próximas, já que são pré-adolescentes e adolescentes.

Além disso, as passagens encontradas de ditongação e monotongação, quase que em sua totalidade, incidiram em palavras pouco estigmatizadas, em situações em que o ditongo ou o monotongo já se agrupou à fala coloquial. São exemplos: *mas/mais, faz/faiz, inglês/inglês, primeiros/ primeros, ouro/oro* entre outros.



Considerações Finais

Considerando os resultados da presente pesquisa, é possível constatar que mesmo que o falante frequente o ensino formal, ele quase sempre, em alguma ocasião de sua vida, articulará frases que não estejam de acordo com as normas prescritas pelas gramáticas da língua portuguesa, pois a língua retrata diferentes processos de variação e mudança linguísticas, sejam no seu sistema linguístico, na atitude e comportamento do falante ou no contexto de uso da língua em circunstâncias reais de comunicação verbal.

Desta forma, os resultados das pesquisas variacionistas podem contribuir, mais uma vez, para evidenciar que são as interações sociais, e não a tradição gramatical, que determinam, em primeiro plano, as dinâmicas linguísticas e a sua incorporação pela escrita monitorada. Pois existe uma disposição de se rotular de “erradas” as formas que fazem correlação estreita com a classe social, uma vez que o grupo pesquisado para a escrita deste texto é proveniente de classe social periférica, mesmo que façamos uso destas mesmas formas na fala espontânea e na escrita revisada.

Espera-se que esta pesquisa não se encerre por si e que se possa dar prosseguimento ao desenvolvimento da temática por outros estudiosos da língua, no sentido de contribuir para o senso crítico com relação ao seu uso em situações de interação comunicativa e, conseqüentemente, contribuir para os estudos dos fenômenos de variação e mudança linguística como um processo inerente a todas as línguas vivas e em transformação no tempo e no espaço, com vistas a auxiliar o falante em suas necessidades básicas de interação com os demais membros da comunidade de fala onde ele está inserido.

Referências

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hincitec, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna - a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BUENO, Elza Sabino da Silva. **Nós, a gente e o boia-fria: uma abordagem sociolinguística**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.



BUENO, Elza Sabino da Silva e SAMPAIO, Emílio Davi (Orgs.). **Estudos da linguagem e de literatura - um olhar para o *lato sensu***. 1ª. ed. Dourados-MS: Editora UEMS, 2009.

BUENO, Elza Sabino da Silva; SILVA, Rosangela Villa da. **Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil**. Edição atual - *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et alii*. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COUTINHO, Esmael de Lima. **Ponto de gramática histórica**. São Paulo: Hulcitech, 1976.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola. 2008.

LEMLE, Miriam. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa: Tempo Brasileiro**, 1978, p 60-94.

COLLISCHONN, Gisela. **Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luísa. (orgs.). In: **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo-SP: Ática, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido Para Publicação em 19 de dezembro de 2017.

Aprovado Para Publicação em 20 de fevereiro de 2017.